



STVDIA LUSITANA

4

Ciudad y foro en Lusitania Romana ***Cidade e foro na Lusitânia Romana***

T. Nogales Basarrate (Ed.)



Studia Lusitana

1. M.P. REIS

Las termas y balnea romanos de Lusitania
Mérida, 2004

2. L.J. RODRIGUES GONÇALVES

Escultura romana em Portugal. Uma arte do quotidiano
Mérida, 2007

3. F. TEICHNER

Entre tierra y mar / Zwischen Land und Meer
Mérida, 2008

4. T. NOGALES BASARRATE (ED.)

Ciudad y foro en Lusitania Romana / Cidade e foro na Lusitânia Romana
Mérida, 2009

5. J. DE ALARCÃO; P.C. CARVALHO; A. GONÇALVES (COORD.)

Castelo da Lousa. Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002
Mérida, 2010

6. V. GIL MANTAS

Vías romanas de Lusitania
(en preparación)

7. A. DE MAN

Defesas Urbanas Tardias da Lusitânia
(en preparación)

Ficha técnica

Coordinación: María José Pérez del Castillo y Eugenia López González

Diseño: Ceferino López

El texto y las opiniones de este volumen son responsabilidad de los autores.

Esta publicación se intercambia por otras similares de todos los países con el fin de potenciar la Biblioteca del Museo Nacional de Arte Romano de Mérida.

Para intercambios y suscripciones:

Museo Nacional de Arte Romano
C/ José Ramón Mérida, s/n
06800 Mérida (Badajoz) España
mnar@mcu.es

Pedido de libros:

Asociación Amigos del Museo:
C/ José Ramón Mérida, s/n
06800 Mérida (Badajoz) España
tienda@amigosmuseoromano.org
y a través de: <http://museoarteromano.mcu.es/>

Adquisiciones:

Pórtico Librerías, S.A.
Muñoz Seca, 6
50005 Zaragoza - España
www.porticolibrerias.es

ISBN: 978-84-613-4193-1

Depósito legal: BA-381-2010

Maquetación e Impresión: Artes Gráficas Rejas (Mérida)



JUNTA DE EXTREMADURA
Vicepresidencia Segunda, Consejería de Economía,
Comercio e Innovación
Dirección General de Universidad y Tecnología

Proyecto 3PR05B003

Lusitania romana: investigación para la difusión del pasado cultural del occidente de la Península Ibérica.
Vicepresidencia Segunda y Consejería de Economía, Comercio e Innovación de la Junta de Extremadura.

Proyecto PRI06B286

Foros Romanos de Extremadura. Análisis y Difusión del Patrimonio Extremeño.
Vicepresidencia Segunda y Consejería de Economía, Comercio e Innovación de la Junta de Extremadura.

Proyecto PRI09A140

Arte Romano en Extremadura I. Creación de modelos en el occidente hispano.
Vicepresidencia Segunda y Consejería de Economía, Comercio e Innovación de la Junta de Extremadura.

DIRECCIÓN CIENTÍFICA:

PROF. DR. JORGE ALARCÃO
Catedrático de Arqueología
Universidad de Coimbra

PROF. DRA. TRINIDAD NOGALES BASARRATE
Departamento de Investigación
Museo Nacional de Arte Romano

COMITÉ CIENTÍFICO:

PROF. DR. JOSÉ M^a ÁLVAREZ MARTÍNEZ
Director del Museo Nacional de Arte Romano

DR. JOSÉ LUIS DE LA BARRERA
Conservador del Museo Nacional de Arte Romano

PROF. DR. ENRIQUE CERRILLO
Departamento de Arqueología
Universidad de Extremadura

PROF. DR. JONATHAN EDMONDSON
Departamento de Historia
Universidad de York (Canadá)

PROF. DR. JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
Director del Instituto de Arqueología
Universidad de Coimbra

PROF. DR. CARLOS FABIÃO
Departamento de Arqueología
Universidad de Lisboa

PROF. DR. JEAN-GÉRARD GORGES
C.N.R.S. Universidad de Toulouse II
Ex director-adjunto de la Casa de Velázquez

DR. VIRGILIO HIPÓLITO CORREIA
Director del Museo Monográfico de Conimbriga

PROF. DR. PATRICK LE ROUX
Departamento de Historia
Universidad de Paris XIII

D. MIGUEL ALBA CALZADO
Director Científico del Consorcio de
la Ciudad Monumental Histórico-
Artística y Arqueológica de Mérida

PROF. DR. MANUEL SALINAS DE FRÍAS
Departamento de Historia Antigua
Universidad de Salamanca

PROF. DR. THOMAS SCHATTNER
Subdirector del Instituto Arqueológico
Aleman de Madrid

PROF. DR. WALTER TRILLMICH
Antiguo Director del Instituto
Arqueológico Aleman de Berlín

Índice

- 9 Apresentação.
- 11 *Laudes Urbium Lusitaniae*.
SANTIAGO LÓPEZ MOREDA
- 27 Algumas observações nas construções do foro de *Ebora Liberalitas Iulia*.
THEODOR HAUSCHILD
- 37 Esculturas do fórum de *Ebora*: programa iconográfico.
LUÍS JORGE GONÇALVES y PANAGIOTIS SARANTOPOULOS
- 47 Os *fora* de Bobadela (Oliveira do Hospital) e da *Civitas Cobelcorum* (Figueira de Castelo Rodrigo).
MARIA HELENA SIMÕES FRADE
- 69 Caminhando em redor do *forum* de *Aeminium* (Coimbra, Portugal).
PEDRO C. CARVALHO, DINA CUSTÓDIO MATIAS, ANA PAULA RAMOS ALMEIDA,
CARLA ALEGRIA RIBEIRO, FERNANDO PEREIRA DOS SANTOS y RICARDO COSTEIRA
DA SILVA
- 89 O *forum* de Conimbriga e a evolução do centro urbano.
VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA
- 107 *Collippo*: análise dos espaços públicos.
JOÃO PEDRO BERNARDES
- 121 Das Inscrições em Foros de Cidades do Ocidente Lusitano-Romano.
JOSE D´ ENCARNAÇÃO
- 127 El foro de *Capara*.
ENRIQUE CERRILLO MARTÍN DE CACERES
- 137 Un posible complejo forense de la *colonia Norbensis Caesarina*.
ENRIQUE CERRILLO MARTÍN DE CACERES y TRINIDAD NOGALES BASARRATE
- 167 *Ammaia* e *Civitas Igaeditanorum*. Dois espaços forenses lusitanos.
VASCO GIL MANTAS

- 189 O recinto Forense de *Pax Iulia* (Beja).
MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES
- 201 Caracterização Geral de Miróbriga.
MARIA FILOMENA BARATA
- 231 Foros de *Augusta Emerita*. Modelos en *Lusitania*.
TRINIDAD NOGALES BASARRATE y JOSÉ MARÍA ÁLVAREZ
- 261 El urbanismo del conjunto provincial de culto imperial y del foro de *Augusta Emerita*.
ROCÍO AYERBE, TERESA BARRIENTOS, PEDRO MATEOS, FÉLIX PALMA y ANTONIO PIZZO
- 273 *Agrippina* y la *Concordia Augusti*. Elementos para la interpretación del “foro provincial” de la *Colonia Augusta Emerita*.
NICOLE RÖRING y WALTER TRILLMICH
- 285 Tanques, fontes e espelhos de água nos *fora* lusitanos.
MARIA PILAR REIS
- 315 Elementos para o estudo dos *fora* das cidades do norte da Lusitânia.
JOÃO L. INÉS VAZ
- 325 O *Forum* de *Seilium/Sellium* (Tomar).
SALETE DA PONTE
- 333 El foro y el templo de *Lancia Oppidana*: nueva interpretación de *Centum Celas* (Belmonte).
AMÍLCAR GUERRA y THOMAS G. SCHATTNER
- 343 Modelos forenses nas cidades da *Lusitania*: balanço e perspectiva.
CARLOS FABIÃO
- 361 Listado de Autores.

Ammaia e Civitas Igaeditanorum.

Dois espaços forenses lusitanos

Vasco Gil Mantas
Universidade de Coimbra

RESUMO

A presente comunicação analisa as características arquitectónicas dos *fora* construídos na *Ammaia* e na *Civitas Igaeditanorum* na época imperial, relacionando-os com a evolução do estatuto administrativo das referidas cidades lusitanas.

Particularmente importante pelas suas enormes dimensões, o primeiro destes monumentos aproxima-se do modelo forense identificado em *Clunia* e em *Ebora*, enquanto o *forum* dos *Igaeditani*, no seu estado final, parece resultar de uma renovação nos finais do século I, datação que as ruínas do templo principal e a planta geral do conjunto, semelhante ao modelo observado no santuário do culto imperial de *Conimbriga* sugerem francamente. Ao longo da comunicação são também abordadas as circunstâncias sócio-políticas relacionadas com a construção destes importantes espaços forenses.

PALAVRAS CHAVE: Lusitânia; Urbanismo; *Forum*; *Ammaia*; *Civitas Igaeditanorum*.

RESUMEN

La presente comunicación analiza las características arquitectónicas de los *fora* construidos en *Ammaia* y en la *Civitas Igaeditanorum* en época imperial, relacionados con la evolución del estatuto administrativo de las referidas ciudades lusitanas.

Particularmente importante por sus enormes dimensiones, el primero de estos monumentos se aproxima al modelo forense identificado en *Clunia* y en *Ebora*; en relación al *forum* de los *Igaeditani*, en su estado final, parece ser el resultado de una renovación de fines del siglo I, datación que las ruínas del templo principal y la planta general del conjunto, semejante al modelo observado en el santuario de culto imperial de *Conimbriga*, sugieren claramente. A lo largo de la comunicación son también abordadas las circunstancias socio-políticas relacionadas con la construcción de estos importantes espacios forenses.

PALABRAS CLAVE: Lusitania; Urbanismo; *Forum*; *Ammaia*; *Civitas Igaeditanorum*.

Quando Estrabão criticou os que antes dele escreveram sobre a Península Ibérica classificando como cidades o que se limitava a simples povoados fortificados, com o evidente intuito de agradar aos generais romanos e ampliar o significado das suas vitórias¹, focou uma questão da maior importância que é a do conceito de cidade, em torno do qual os arqueólogos têm, desde há muito, desenvolvido elaboradas polémicas². Para um grego como Estrabão o problema não apresentava dificuldade de maior, nem sequer o considerava, provavelmente, como tal, uma vez que o modelo urbano que o orientava só acidentalmente poderia identificar-se na maior parte do território ibérico pelo final da República. Povoados dos quais quase sempre estava ausente a escrita, sem monumentos públicos, sem corpo de cidadãos e de magistrados, sem praça onde estes se reunissem, mesmo que apenas para ratificar decisões ou venerar os seus autores e os seus valores, não podiam, evidentemente, corresponder à imagem da cidade clássica.

Excluindo as fundações exóticas de iniciativa fenício-púnica ou grega e as pouco numerosas cidades hispano-romanas atribuíveis ao período republicano, em parte continuadoras das primeiras³, a grande transformação do cenário urbano peninsular situa-se a partir dos inícios do Império, particularmente na Lusitânia, província criada artificialmente por razões administrativas e onde a reorganização augustana, assente na divisão do território

em *civitates*⁴, exigiu autênticos centros urbanos, criados de raiz ou estabelecidos sobre povoações já existentes (**fig.1**). Estas cidades, grandes ou pequenas, tinham todas a capitalidade de uma região como função principal, pelo que o desenvolvimento desta rede urbana, caracterizada por diferenças significativas a nível dos estatutos jurídicos, como se depreende, sem necessidade de complicadas lucubrações, do texto pliniano⁵, foi acompanhada por acções de reordenamento dos *populi*, com ou sem transferência de população, e pela construção de uma autêntica rede viária, cujas funções administrativas se afirmam desde o início.

Este processo decorreu ao longo de décadas, verificando-se ajustamentos e pequenas alterações ao projecto inicial, pragmático e, por isso, bem adaptado às realidades lusitanas. Definido o espaço territorial das *civitates* atribuído a cada um dos diferentes grupos em que se dividiam os quatro povos que as fontes antigas situam na Lusitânia da época imperial⁶, diferentemente vocacionados para a vida urbana, como a evidente concentração a sul do Tejo das cidades privilegiadas no primeiro século do Império claramente reflecte, havia que dotar os centros urbanos do equipamento não só necessário ao exercício das suas funções de capitalidade, mas também daquele que era considerado apanágio desta qualidade, fortemente associada a uma imagem da *maiestas* romana que não se limita, mesmo atendendo às diferenças de escala, a uma simples aproximação simbólica da mesma. Entre os monumentos considerados essenciais contava-se, naturalmente, o fórum. Praça pública por excelência, reunindo num espaço monumentalizado os edifícios representativos das três funções principais da cidade romana, religiosa, político-judicial e económica, o modelo do fórum como centro cívico tinha conhecida uma longa elabora-

¹ Estrabão, III, 4, 13. Referências abreviadas no texto: *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Berlim (= *CL*); J. Vives, *Inscripciones Latinas de la España Romana*, I-II, Barcelona, 1971-1972 (= *ILER*); José d'Encarnação, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984 (= *IRCP*). Agradecemos cordialmente ao Dr. Luís Madeira a preparação das figuras desta comunicação.

² De uma forma muito simplificada, podemos considerar que se defrontam conceitos qualitativos e quantitativos: Stuart Piggott, *A Europa Antiga. Do início da agricultura à Antiguidade Clássica*, Lisboa, 1981, p. 5-30, 276-280; K. Lomas, *The idea of a City: elite ideology and the evolution of the urban form in Italy, 200 BC-AD 100*, "Roman Urbanism. Beyond the Consumer City", Londres, 1997, p. 21-41; Charles Delfante, *A grande história da cidade*, Lisboa, 2000, p. 23-24.

³ M. A. Marín Díaz, *Emigración, colonización y municipalización en la Hispania republicana*, Granada, 1989, p.251-256; Simon Keay, *Innovation and adaptation: the contribution of Rome to urbanism in Iberia*, "Social Complexity and the Development of Towns in Iberia", Oxford, 1995, p. 292-316.

⁴ Jorge Alarcão, *O domínio romano em Portugal*, Mem Martins, 1988, p.15-17, 33-37 (=Alarcão, *Domínio*); Vasco Mantas, *A Lusitânia e o Mediterrâneo: identidade e diversidade numa província romana*, "Conimbriga", 43, 2004, p.63-83.

⁵ Plínio, *N.H.*, IV, 113, 117-118.

⁶ Plínio, *N.H.*, IV, 116; Ptolomeu, II, 5.



Fig. 1. Localização de Ammaia e Civitas Igaeditanorum na Lusitânia.

ção desde os seus primórdios italianos quando se multiplica nas cidades lusitanas, onde os *fora* não parecem anteriores ao início do Império. É claro que as reconstruções a que muitos deles foram sujeitos em época posterior poderão ter obliterado vestígios de construções do período republicano, sobretudo em cidades litorais, como *Olisipo* (Lisboa) ou *Salacia* (Alcácer do Sal), sem que, por enquanto, a arqueologia permita mais que simples sugestões.

A construção e a reforma arquitectónica destes monumentos recorreu sistematicamente a um modelo integrado, reproduzindo ou aproximando-se muito do chamado forum-bloco⁷, o que foi frequentemente facilitado pelas reduzidas dimensões da maioria destes monumentos lusitanos, assim planeados como conjuntos homogéneos⁸. Uma questão que se deve considerar quando se analisa a arquitectura dos *fora* é a de averiguar se eventuais diferenças de estatuto urbano na época da construção determinaram alterações significativas na concepção dos monumentos. O caso de *Conimbriga* (Condeixa-a-Velha) constitui um bom exemplo destas alterações e uma chamada de atenção pertinente para o perigo das interpretações rígidas, pouco motivadas pela flexibilidade característica da administração romana numa fase precoce da urbanização lusitana⁹. Sem pretendermos desenvolver aqui este aspecto do problema, que consideramos muito importante, parece possível aceitar que, numa primeira fase, a construção de templos e de cúrias nos *fora* nem sempre se verificou, o que pode relacionar-se, sem grande dificuldade, com circunstâncias sócio-culturais e administrativas, predominando *fora* em que a basílica domina como edifício principal¹⁰.

⁷ James Russel, *The origin and development of republican forums*, "Phoenix", 22, 4, 1968, p. 331-336; John Carter, *Civic and other buildings*, "Roman Public Buildings", Exeter, 1989, p. 31-65; Pierre Gros, *L'architecture romaine*, 1, *Les monuments publics*, Paris, 1996, p. 207-234.

⁸ Jorge Alarcão, *A construção no campo e na cidade*, "Nova História de Portugal", I, Lisboa, 1990, p. 462-475 (=Alarcão, *Construção*).

⁹ A. Roth-Congès, *L'hypothèse d'une basilique à deux nefs à Conimbriga et les transformations du forum*, "Mélanges de l'École Française de Rome", 99, 1987, p. 711-751; Adília Alarcão et alii, *Le centre monumental du forum de Conimbriga*, "Itinéraires Lusitaniens", Paris, 1997, p. 49-61.

Na verdade, muitos dos conjuntos forenses lusitanos terão conhecido, sobretudo a norte do Tejo, modestas origens, sem por isso deixarem de responder adequadamente às necessidades das cidades de estatuto peregrino que serviam. Sem insistir demasiadamente nas diferenças, reais, entre as regiões setentrional e meridional da Lusitânia, as referidas diferenças estão presentes nos dois exemplos que apresentamos, o forum de *Ammaia* (São Salvador de Aramenha), de majestosas proporções, e o relativamente pequeno forum da *Civitas Igaeditanorum* (Idanha-a-Velha), ambos atribuíveis ao século I. A nossa comunicação procura sintetizar o que actualmente se conhece com alguma segurança destes dois monumentos, ambos aguardando ainda por um projecto coerente e sistemático de escavação. Atendendo ao potencial turístico das zonas em que se situam, particularmente importante para a debilitada economia da área raiana, a escavação completa e a valorização destes *fora* apresenta-se como uma prioridade, mas sem que haja lugar a quaisquer concessões no sentido de criar cenários turísticos, em que o interesse científico seja marginalizado, como tem acontecido frequentemente e com desastrosas consequências em muitos sítios arqueológicos, desde há alguns anos¹¹.

Os monumentos forenses de *Ammaia* e da *Civitas Igaeditanorum* situam-se em pequenas aldeias, com poucos habitantes e fraca pressão imobiliária, no caso de Idanha-a-Velha, e numa área sem ocupação humana junto a São Salvador de Aramenha, a Tapada de Aramenha, propriedade da Fundação Cidade de Ammaia. Desta forma, o único perigo que pode ameaçar as ruínas é, de momento, o eventual desejo de conduzir escava-

¹⁰ Assim sucedeu, por exemplo, em *Aeminium* (Coimbra), onde o forum foi construído no período julio-cláudio, com toda a probabilidade durante o principado de Cláudio: Pedro Carvalho, *O forum de Aeminium*, Lisboa, 1998, p. 177-184, 192-195.

¹¹ A necessidade de atrair turistas no âmbito da auto-sustentabilidade económica do património arqueológico, desde logo um conceito muito discutível, não permite que as acções de consolidação de ruínas, negando-lhes quase essa condição, se transformem em duvidosas reconstruções cenográficas, gravemente prejudiciais aos monumentos, como tem acontecido mesmo em sítios prestigiosos, como Sagunto ou Conimbriga.

ções para rentabilizar turisticamente os sítios. Tivemos oportunidade de trabalhar com frequência, quer em Idanha-a-Velha, quer nas ruínas de *Ammaia*, por vezes em condições difíceis, esperando que o futuro faculte a estes dois sítios luso-romanos os meios que até agora lhes faltaram, quase sempre por culpa dos homens e das instituições, para ocuparem o lugar que lhes compete na arqueologia hispano-romana.

O estudo completo dos *fora* de *Ammaia* e da *Civitas Igaeditanorum* reveste-se, pois, de especial interesse pelas diferenças que os dois monumentos mostram entre si, acrescido pelo facto do forum desta última ter sido reformado pelos finais do século I, mais ou menos pela mesma altura em que o forum de *Conimbriga* se transformou num santuário do culto imperial, suscitando os restos do forum egitaniense questões não muito diferentes das que se levantam em relação ao monumento de *Conimbriga*, cidade que mantinha algum tipo de relações com a *Civitas Igaeditanorum*¹². Pelo contrário, o forum amaiense, de enormes dimensões, não parece ter sofrido alterações. Embora a falta de elementos cronológicos sugira a maior prudência a propósito da história do monumento, a verdade é que a sua invulgar grandeza parece relacionar-se, sem dificuldade de maior, com uma situação privilegiada atribuída com anterioridade à cidade de *Ammaia*.

As ruínas de *Ammaia* conhecem-se, nos meios eruditos, pelo menos desde o século XVI, ocupando uma vasta área constituída fundamentalmente pela Quinta do Deão e pela Tapada da Aramenha¹³. Infelizmente, os restos dos edifícios sobreviventes, em parte de robusta silharia de granito, foram durante séculos utilizados como material de construção, e não apenas na aldeia vizinha de São Salvador de Aramenha, mas um pouco por toda a região. A esta circunstância podemos atri-



Fig. 2. Inscrição em honra do imperador Cláudio, com a primeira referência à *Civitas Ammaiensis* (Museu Nacional de Arqueologia).

buir o facto de, até 1935, se ter situada *Ammaia* em Portalegre, pois perto desta cidade se encontrou uma inscrição honorífica, do ano 166, comemorando Lúcio Vero (*CIL* II 158 = *IRCP* 616), monumento talvez proveniente do forum, na qual se refere o município de *Ammaia*¹⁴.

Com efeito, só o achado, na Quinta do Deão, da epígrafe em que se regista o voto anual da cidade, identificada como *Civitas Ammaiensis*, ao imperador Cláudio (*IRCP* 615), permitiu resolver o problema da identificação das ruínas (**fig. 2**), longamente confundidas com *Medobriga*¹⁵. Sem intervenções arqueológicas durante décadas, a zona das ruínas, que ultrapassa largamente os 20 hectares, facultou numerosos materiais, parte dos quais, sobretudo cerâmica, vidros e algumas epígrafes, foram oferecidos pelo proprietário das terras, Antó-

¹² Como se deduz, por exemplo, da presença do conimbrigense *M. Allacarius Celer Paulianus*: *ILER* 5304; Robert Étienne et alii, *Fouilles de Conimbriga*, II, *Épigraphie et sculpture*, 1976, p. 56-57, pl. IX.

¹³ C. Corsi / F. Vermeulen, *Elementi per la ricostruzione del paesaggio urbano e suburbano della città romana di Ammaia in Lusitania*, "Archeologia Aerea", 3, 2007, p. 13-30.

¹⁴ Vasco Mantas, *A sociedade do município luso-romano de Ammaia*, "Sociedad y Cultura en Lusitania Romana", Mérida, 2000, p. 392-393, 412 (= Mantas, *Ammaia*).

¹⁵ Amílcar Guerra, *Ammaia, Medóbriga e as ruínas de São Salvador de Aramenha. Dos antiquários à historiografia actual*, "A Cidade", 11, nova série, 1996, p. 7-33 (= Guerra, *Ammaia*).

nio Maçãs, ao arqueólogo Leite de Vasconcelos¹⁶, então director do que é actualmente o Museu Nacional de Arqueologia. Infelizmente, perderam-se muitos testemunhos importantes, não obstante o sítio ter sido classificado como Monumento Nacional em 1949, sem qualquer resultado prático. A intervenção, a partir de 1997, da Fundação Cidade de Ammaia conseguiu recuperar alguns desses materiais, na posse de particulares, assim como reencontrar inscrições referidas por Hübner e entretanto desaparecidas¹⁷.

A primeira questão que se levanta em relação ao fórum de *Ammaia* é, como referimos, a da sua cronologia. As sondagens efectuadas no monumento não permitiram conclusões seguras, pelo que nos parece obrigatório, nesta circunstância, recorrer à análise da evolução jurídica da cidade e da planta do monumento, tentando inseri-lo num contexto razoavelmente conhecido que autorize uma datação, ainda que relativa. Começaremos por focar a evolução do estatuto da cidade, com o qual não podemos deixar de relacionar um monumento de tão grandes dimensões. Cremos poder afirmar que a criação da *Civitas Ammaiensis* remonta a Augusto, integrando-se no mesmo plano de reorganização administrativa do território implementado pela administração romana logo no início do Império, o qual conta com indiscutíveis testemunhos no Alentejo, muitos deles atribuíveis, sem problemas, às últimas décadas do século I a.C., como sucedeu, por exemplo, com *Liberaltas Iulia Eborac*¹⁸.

Alguns poucos materiais arqueológicos achados na *Ammaia* permitem situar no principado de Augusto a fundação *ex-nihilo* da cidade, como

capital de uma das *civitates* então estabelecidas no território lusitano, ainda que, como noutros casos, desprovida de um estatuto romano, no sentido estrito do conceito. O facto de *P. Cornelius Macer* ter recebido a cidadania a título pessoal (*CIL* II 159 = *IRCP* 618), segundo tudo leva a crer por concessão de Cláudio, confirma indirectamente a condição peregrina da *civitas* até aos primeiros tempos do governo deste imperador. Os testemunhos epigráficos amaienses, ainda que não indiquem datas, sugerem uma valorização da cidade por meados do século I, muito provavelmente em consequência de um processo desenvolvido no âmbito da promoção de numerosos centros urbanos na Hispânia meridional por iniciativa de Cláudio¹⁹.

Admitindo que a *civitas* remonta a Augusto, ainda que Plínio não inclua os amaienses entre os *populi* lusitanos que enumera, limitando-se a uma referência marginal a propósito da exploração do cristal de rocha na região²⁰, cremos que a ara consagrada ao Génio do Ópido Constituído (*IRCP* 604), conservada no Museu Nacional de Arqueologia (**fig. 3**), alude exactamente à promoção jurídica da cidade mediante a concessão do direito latino²¹. Como temos defendido com frequência, inspirados pela atitude muito cautelosa de H. Galsterer e de P. Le Roux, pensamos que tal facto não implica automaticamente a atribuição simultânea do título municipal. Esta questão é bastante complicada, pelo que nos limitaremos, de momento, a situar a municipalização do ópido latino de *Ammaia* entre Cláudio e o início do século II, como se pode deduzir das fontes epigráficas e dos testemunhos arqueológicos, nomeadamente dos que foram recolhidos na escavação da porta sul, reformada na época de Trajano²².

¹⁶ Lúvia Coito (Coord.), *Epistolário de José Leite de Vasconcelos*, "O Arqueólogo Português. Suplemento", 1, 1999, p. 147-150.

¹⁷ Jorge Oliveira *et alii*, *Cidade de Ammaia. Marvão*, "Ibn Maruán", 6, 1996, p. 15-22; Vasco Mantas, *Novidades epigráficas de Ammaia (S. Salvador de Aramenha, Marvão)*, "Au Jardin des Hespérides. Histoire, Société et Épigraphie. Mélanges Offerts à Alain Tranoy", Rennes, 2004, p. 87-105 (=Mantas, *Novidades*). Aproveitamos para corrigir o local do achado da ara de *Aleinius*, encontrada perto da área urbana, nos Alvarrões, e não na Quinta do Deão.

¹⁸ Jorge Alarcão, *A urbanização de Portugal nas épocas de César e de Augusto*, "Stadtbild und Ideologie. Die Monumentalisierung hispanischer Städte zwischen Republik und Kaiserzeit", Munique, 1990, p. 43-57.

¹⁹ J. Manuel Abascal / Urbano Espinosa, *La ciudad hispano-romana. Privilegio y poder*, Logronho, 1989, 68-70; Mantas, *Ammaia*, p. 410-413.

²⁰ Plínio, *N.H.*, XXXVII, 24, 127.

²¹ Encarnação, *IRCP*, p. 667-668; Guerra, *Ammaia*, p. 28-29.

²² Sérgio Pereira, *Dois depósitos monetários encontrados na Porta Sul (Ammaia)* "Ibn Maruán", 12, 2002, p. 99-113. O tetrápilo de *Capera* foi construído na mesma época e o fórum remodelado nos finais do século I: E. Cerrillo de Cáceres, *Capera, municipio romano*, "Sociedad y Cultura en Lusitania Romana", Mérida, 2000, p. 157-159.

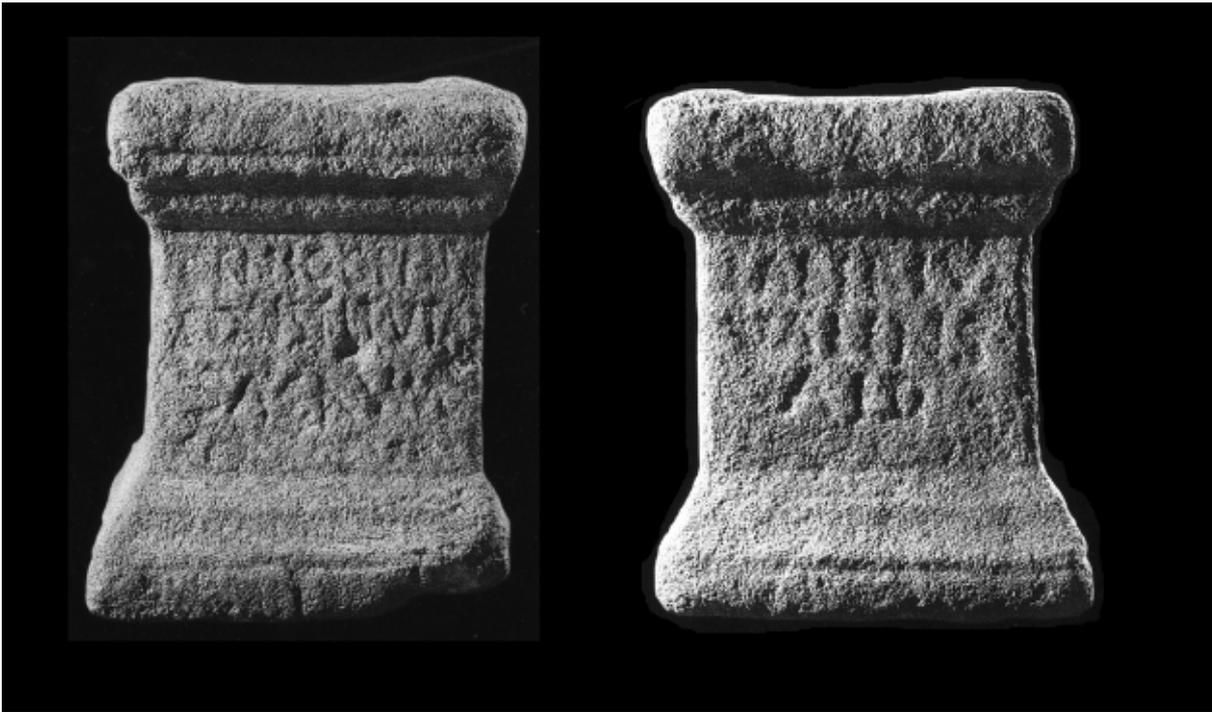


Fig. 3. Ara com inscrição consagrada ao Génio do Ópido Constituído (Museu Nacional de Arqueologia).

Assim, podemos considerar que o questor e duúviro *P. Cornelius Macer*, foi um dos primeiros magistrados romanos de *Ammaia*, e ainda na época de Cláudio, o que contrasta significativamente com os dois *magistri* de filiação indígena citados na epígrafe da *Civitas Ammaiensis*. A concessão do direito latino teve, seguramente, implicações na monumentalização da cidade, seguramente atribuída, como *Macer*, à tribo Quirina, circunstância comprovado em muitos outros locais da Hispânia, inclusive na província Lusitânia. Infelizmente, a reduzida área urbana escavada até agora, contrariamente às expectativas que acalentávamos há uma dezena de anos²³, não permite uma leitura coerente da evolução física da cidade, dificultando o estabelecimento de uma cronologia fiável para a maior parte dos monumentos conhecidos, entre os

²³ As dificuldades financeiras enfrentadas pela Fundação Cidade de Ammaia impediram o projecto de escavação que oportunamente apresentámos ao Instituto Português de Arqueologia (IPA), segundo o qual deveria ter sido intervencionado toda a zona entre o Museu e a porta sul, e entre esta e o forum, ao longo do *Kardo*, para além, naturalmente, de contemplar o estudo e publicação de numerosos materiais.

quais o forum. A qualidade dos materiais parece justificar uma intervenção oficial na construção dos edifícios, ainda que acusando alguma rusticidade, a qual, aliás, não foi estranha a uma certa estética romana²⁴.

A localização do forum, no centro da cidade, sugere uma estreita relação entre o plano ortogonal da mesma e a edificação do monumento. As humildes estruturas identificadas por baixo do pavimento da praça situada junto à chamada porta sul, as quais corresponderão à fase inicial da cidade²⁵, mostram uma orientação idêntica à do traçado claramente definido pelo *Kardo Maximus*, que parte da referida porta em direcção ao limite oriental do

²⁴ Esta rusticidade, que não é característica das construções monumentais lusitanas, como em tempos alguns arqueólogos peninsulares entenderam, reflecte quer o tipo de materiais utilizados, quer um marcado gosto romano pela robustez e austeridade das construções (*consuetudo italica*), tantas vezes presente e relacionada com a chamada *Soldatenkunst*, ainda bem evidente nos séculos I e II, depois de ganhar nova expressão a partir do principado de Cláudio: R. Bianchi Bandinelli, *Rome. Le centre du pouvoir*, Paris, 1969, p. 156-159.

²⁵ Sérgio Pereira, *A freguesia de Aramenha sob o domínio romano*, "Ibn Maruán", 13, 2005, p. 43-44, est.III.

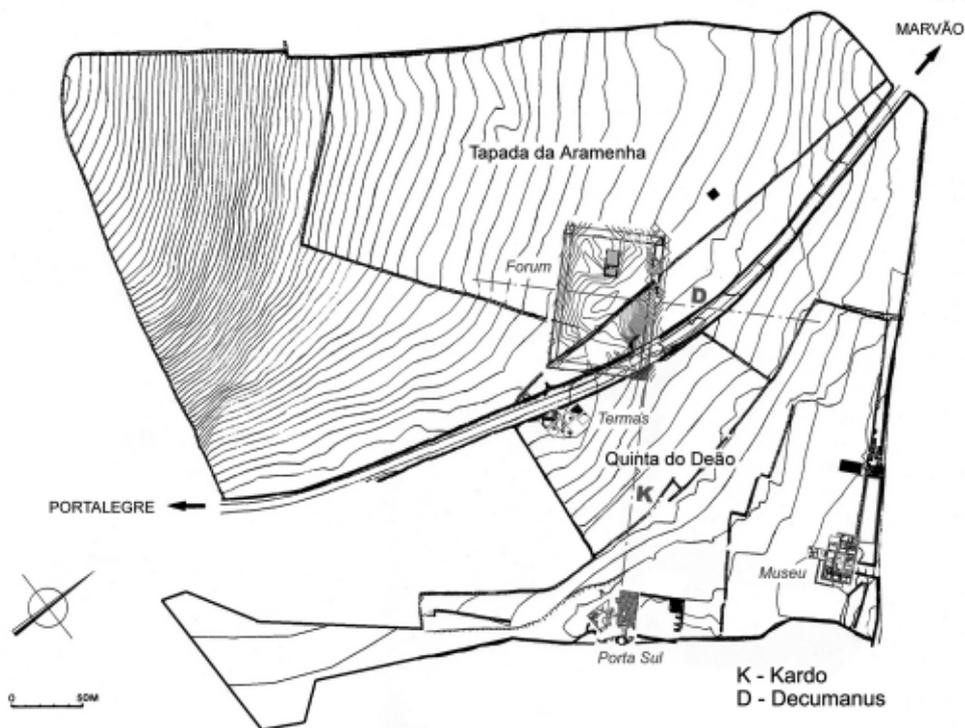


Fig. 4. Planta das ruínas de *Ammaia* com localização do fórum e dos eixos principais do urbanismo.

fórum, ao qual encosta (fig. 4). Desta forma, podemos admitir que, em determinada altura, se verificou uma operação de planeamento abrangendo toda a área urbana, como a orientação dos poucos edifícios conhecidos demonstra. Todavia, se a reconstrução da porta sul se pode situar, com toda a probabilidade, no principado de Trajano, ela não permite, por si só, datar esta grande operação de urbanismo, pois pode tratar-se, apenas, de uma reforma parcial da porta e da zona envolvente. Por isso, não é impossível que o plano urbano de *Ammaia* remonte ao período de Cláudio e reflecta a concessão do direito latino à cidade, se é que não foram logo traçados, aquando da sua fundação, as grandes linhas ordenadoras do urbanismo amaiense, no qual o *Kardo* mostra uma orientação de 41° Noroeste.

Tal hipótese, que nos parece viável, não resolve o problema da cronologia do fórum. É quase certo que, como *Conimbriga* ou *Ebora*, a *Civitas Ammaiensis* também teve um fórum desde o início, uma vez que se trata de monumento imprescindível ao exercício das funções atribuídas às *civi-*

tates, independentemente do seu estatuto. Mas, como nas referidas cidades, onde os *fora* sofreram alterações, também na *Ammaia* poderá ter sucedido o mesmo. Não existem dados que permitam discutir esta possibilidade, embora consideremos que as dimensões invulgares do fórum de *Ammaia* contrariam à partida a sua atribuição às primeiras décadas de existência da *civitas*. Ao contrário do que sucede em Évora, onde o templo do fórum terá sido reconstruído na transição do século I para o II, muito provavelmente no principado de Trajano, mas inserido numa malha urbana anterior²⁶, na *Ammaia* não temos, por ora, testemunhos favoráveis a uma situação idêntica.

De acordo com os elementos disponíveis, que continuam a ser poucos, relacionar a construção do fórum com a planeamento urbano inicial

²⁶ Vasco Mantas, *Teledeteção e urbanismo romano: o caso de Beja*, "Geociências", V, 1, 1990, p. 85-86, est.5 (=Mantas, *Teledeteção*); Theodor Hauschild, *Évora. Vorbericht über die Ausgrabungen am römischen Tempel – 1982-1992. Die konstruktionen*, "Madriener Mitteilungen", 35, 1994, p. 314-335.

parece uma proposta aceitável, o que não deixa, porém, de suscitar alguns problemas complexos, um dos quais é, naturalmente, ou da cronologia, uma vez que o plano ortogonal da cidade pode ter reservado o espaço para o fórum, sem que a construção do mesmo tenha sido imediata. Se assim fosse, podíamos considerar o início da edificação do fórum após a concessão do direito latino, efectuando-se gradualmente a partir de meados do século I. Uma estrutura com as dimensões do monumento amaiense leva bastantes anos a ser construída, mesmo quando se pode contar com contributos oficiais e com o mecenato local, pelo que não é difícil prolongar o período de trabalhos até ao final do principado de Nero, período a que pertence a inscrição de *P. Cornelius Macer*²⁷. O estudo das ruínas do fórum não deixa de provocar algumas dúvidas inquietantes, as quais só poderão ser resolvidas mediante a completa escavação do monumento, de ambiciosa construção quando comparado com outros do território lusitano, circunstância que, uma vez mais, devemos relacionar, numa província com as características específicas da Lusitânia, com o historial das cidades privilegiadas.

Como dissemos, o fórum de *Ammaia* ocupa uma posição central na área urbana, situando-se numa encosta que domina ligeiramente a área sudoeste da cidade, o que obrigou a trabalhos de organização do terreno para a construção do monumento, uma vez que existe um declive razoável na zona ocupada pelo fórum, utilizado na concepção arquitectónica do edifício de forma a destacar a posição do templo. As dimensões do fórum, calculadas a partir das diversas sondagens que permitiram localizar os muros que o limitavam na zona setentrional e da observação de restos de muros no lado oposto ao templo, permitem atribuir-lhe uma área rectangular de 66 metros de largura por 99 metros de comprimento (**fig. 5**), valores excepcionais para uma cidade lusitana. Estas dimensões

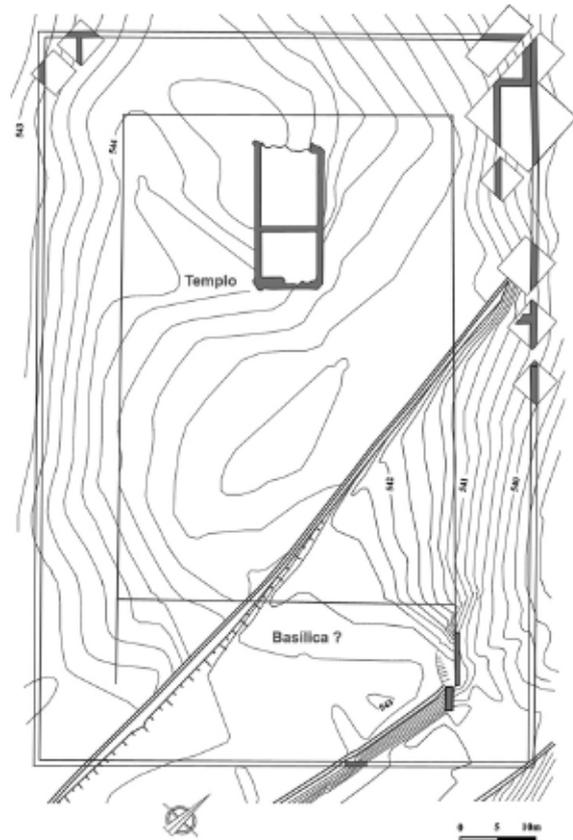


Fig. 5. Planta das ruínas do fórum de *Ammaia*.

estão perfeitamente de acordo com o preceito vitruviano que estipula dever a largura da praça pública corresponder a dois terços do comprimento²⁸.

Praticando um exercício de modulação a partir destes valores, verificamos que do limite meridional do fórum até à porta sul se estende uma distância, ao longo do *Kardo*, da ordem dos 190 metros, valor que, atendendo ao declive e à existência de ruas intermédias²⁹, autoriza a possibilidade das *insulae* urbanas medirem qualquer coisa como 30x45 metros. Este valor pode apoiar-se no facto de existir uma porta lateral no fórum, situada a 45 metros do canto nordeste do monumento. É claro que a confirmação desta hipótese, resultante da concordância do fórum com o plano ortogonal

²⁸ Vitruvius, *De Arch.*, V, 1, 2.

²⁹ A prospecção geofísica efectuada pelos nossos colegas belgas comprovou a existência de cruzamentos de ruas ortogonais na referida área: Cristina Corsi et alii, *Geoarchaeological observation on the roman town of Ammaia (Alentejo, Portugal)*, "Internet Archaeology", 19, 2005.

²⁷ Encarnação, *IRCP*, p. 679-681; *Aditamento*, "Trabalhos de Arqueologia do Sul", 1, 1986, p. 107.

da cidade, considerado regular, ocupando quatro *insulae*, depende de trabalhos de escavação a efectuar futuramente. Pela mesma razão, julgamos necessária alguma cautela acerca da identificação da porta lateral do forum como entrada correspondente ao *Decumanus* da cidade. A porta, não totalmente escavada e identificada por parte da soleira e por uma aduela do arco conservada no local, parece de reduzidas dimensões para a grandeza do monumento e a rua que serve mostra um acentuado declive na zona exterior do forum, o que, devemos admitir, também não é invulgar. De momento cremos conveniente manter *sub judice* esta questão, embora nos pareça possível estar perante a entrada do *Decumanus*.

Os vestígios visíveis do forum limitaram-se, até ao início dos trabalhos arqueológicos nos inícios dos anos 90 do século passado, ao pódio do templo e a alguns restos de muros no extremo oposto da praça. O monumento foi prolongadamente delapidado, com grave prejuízo para as ruínas, encontrando-se em muito mau estado as estruturas anteriormente expostas, utilizadas como pedreira. Junto ao pódio encontra-se uma pequena base de coluna, semelhante às que existem em número significativo na *Ammaia*, sem que se possa atribuí-la ao templo. Um dos atentados mais destruidores ocorreu aquando da construção da estrada Portalegre-Marvão (EN 359), cujo traçado atingiu a extremidade sueste do forum, perturbando significativamente essa área do monumento, bem como o espaço entre o forum e as termas que lhe ficam junto³⁰. A topografia da zona também não facilita a conservação dos restos, pois a existência de desníveis terá facilitado a degradação das ruínas, muito cedo expoliadas dos seus materiais de silharia granítica. O declive entre o lado ocidental e o lado oriental da praça obrigou, devido à pressão exercida pelas terras, a reforçar o muro exterior no canto nordeste do forum, onde o espaço entre os muros foi preenchido

³⁰ As destruições verificada na extremidade meridional do forum e a ausência de sondagens nessa zona permitem eventualmente atribuir-lhe um comprimento menor, da ordem dos 88 metros, hipótese que, todavia, não subscrevemos.

com terra compactada, estéril do ponto de vista arqueológico.

Considerando que os muros visíveis junto ao talude da estrada representam o limite meridional do edifício, podemos esboçar a planta do forum e procurar definir o modelo do mesmo. Ainda que as ruínas, excluindo o pódio do templo, apresentem algumas dificuldades de interpretação, sobretudo na zona sobranceira à estrada, parece-nos seguro concluir que nos deparamos com o tipo clássico do forum em que o templo ocupa uma das extremidades, normalmente numa posição elevada, e a basílica a outra extremidade da praça. Não faltam exemplos desta tipologia forense, logo no início do Império, como sucede com o imponente forum de *Augusta Raurica* (Augst), edificado no principado de Augusto³¹. A reforçar esta identificação constata-se que o templo não só ocupava uma posição dominando o conjunto, numa plataforma natural, provavelmente melhorada artificialmente, da qual um desnível ainda nítido no terreno conserva a presença, como esse desnível corresponde ao traçado da rua que conduzia ao forum pela porta lateral que já referimos (**fig. 6**), característica que se encontra com muita frequência nos fora de idêntica tipologia.

Não precisamos de abandonar o Alentejo para encontrar um exemplo desta solução arquitectónica, pois o forum de *Liberaltas Iulia Ebora* corresponde perfeitamente ao modelo que temos presente. O forum, um pouco maior que o de *Ammaia*, era constituído por uma área sacra, organizada em torno do templo e mais elevada que a zona fronteira da praça, onde se levantava, no local hoje ocupado pela Catedral, a basílica³². Considerando que o obscuro arco monumental situado na Praça do Giraldo, em Évora, marcaria o início do *Decumanus* urbano, podemos ver neste arruamento, ainda

³¹ Werner Muller / Gunther Vogel, *Atlas d'architecture. Des origines à Byzance*, Paris, 1978, p. 218-219.

³² Mantas, *Teledeteção*, p. 86, est.5. O templo ocupava uma posição francamente dominante, rodeado por um criptopórtico. No lado oposto da praça, na zona em que o Museu confina com a Catedral, levantava-se a basílica, da qual não se conhecem, por ora, assim como das *tabernae*, vestígios materiais.



Fig. 6. Vestígios da porta leste do forum, possivelmente situada no *Decumanus Maximus*.

identificável na Rua Vasco da Gama, o limite entre as duas zonas do forum eborense, tal como sucede noutros monumentos com a mesma tipologia (fig. 7). Desta forma, a Rua da Selaria, hoje Rua 5 de Outubro, corresponderia ao traçado de um dos *decumani* secundários, limitando a extremidade meridional do forum. A separação entre as áreas sacra e profana também existe na *Ammaia*, embora neste caso, como dissemos, se levantem dúvidas quanto à categoria da rua coincidente com a divisão do espaço no interior do forum. Seja como for, é evidente que, em termos gerais, se trata do mesmo tipo de planeamento, largamente divulgado no final do século I e inícios do século II.

A localização do forum eborense, porém, sugere um planeamento urbano diferente do que se identifica na *Ammaia*, onde o monumento se encontra praticamente no centro da cidade. Em Évora, tal como em Beja e em Braga, salvaguardando as dúvidas que subsistem quanto à localização dos *fora* destas cidades, todas fundadas ou refundadas pelo primeiro imperador, a grande praça pública ocupa uma situação menos central,



Fig. 7. O forum de *Liberalitas Iulia Ebora*: 1: Templo; 2: Rua da Selaria; 3: Praça do Giraldo (Arco); 4: Termas; K: *Kardo*; D: *Decumanus*.

aproximando-se significativamente do plano de *Augusta Praetoria* (Aosta), fundação augustana de 25 a.C., data que se coaduna convenientemente com acções de urbanização no Alentejo³³. A ausência de testemunhos datáveis seguramente provenientes do forum, nomeadamente de tipo epigráfico, dificulta qualquer tentativa para lhe determinar a época de construção, mas o que dissemos atrás invoca a possibilidade dela recair no período júlio-cláudio, uma vez que o modelo do forum de *Ammaia* ocorre com frequência sobretudo a partir da segunda metade do século I e que a localização na malha urbana se afasta do que parece ter sido observado noutras grandes cidades luso-romanas.

Uma datação júlio-cláudia, por meados do século I, parece confirmar-se através da presença da única estátua que pode relacionar-se, com alguma probabilidade, com um grupo de duas dezenas que uma fonte do século XIX refere vagamente, estátuas que pertenceriam ao forum. Trata-se de um togado, infelizmente sem a cabeça, ostentando a *bulla* que os jovens romanos usavam até aos dezassete anos. A referida estátua, recolhida no

³³ Mortimer Wheeler, *Roman art and architecture*, Londres, 1964, p. 42-44.



Fig. 8. Estátua de togado com *bullae*, achada na Escusa (Museu da Ammaia).

Museu da Ammaia (fig. 8), tem sido atribuída a Britânico³⁴, o infeliz filho de Cláudio e de Messalina, nascido em 42 e assassinado em 55, o que permitiria situar a estátua e o fórum, se a escultura fazia parte de um programa destinado ao mesmo, por meados do século I. Mas existe outra hipótese, que é a de atribuir a estátua a Nero, filho do primeiro casamento de Agripina e que foi adoptado por Cláudio em 50, com doze anos de idade, recebendo, dois anos depois, o título de *Princeps Iuventutis*³⁵. Embora o estado da peça não permita avançar muito mais, quer se trate de Britânico ou de Nero, este testemunho sugere, mais uma vez, uma data para início da construção do fórum próxima do final do principado de Cláudio.

³⁴ Jorge Oliveira, *A estátua romana da Escusa*, "Ibn Maruán", 1, 1991, p. 85-96.

³⁵ Paul Petit, *Histoire générale de l'Empire romain*, 1, *L'Haut-Empire*, Paris, 1974, p. 96.

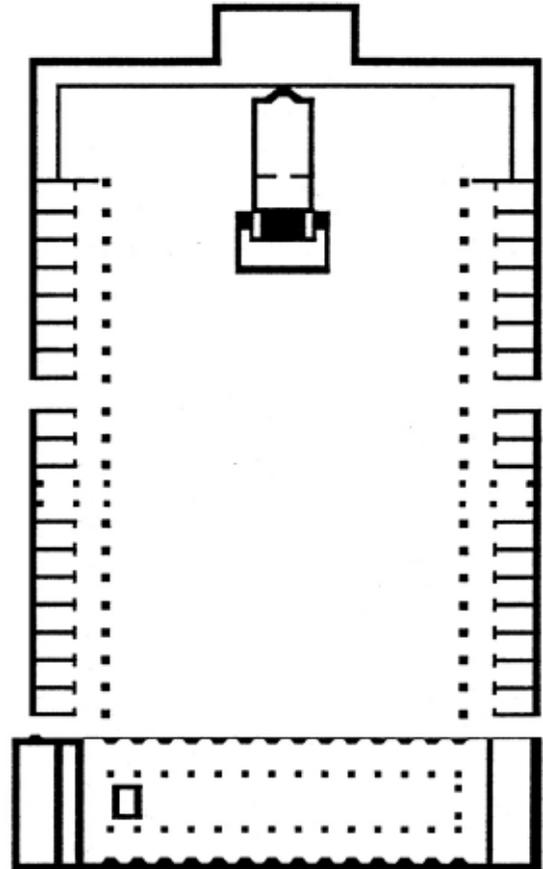


Fig. 9. Planta do fórum de Clunia.

O fórum de Clunia (fig. 9), na Tarraconense, município a que Galba concedeu o título colonial em 68, no cenário da sua aventura imperial³⁶, mostra uma planta que não podemos deixar de aproximar do modelo que foi executado na Ammaia. Para além da disposição geral e do ordenamento dos diferentes edifícios, identifica-se nos dois *fora* uma particularidade marcante, pois, em ambos, os templos são muito pequenos, ficando um largo espaço livre entre estes e a colonata da praça. No fórum amaiense, entre o limite interior do criptopórtico lateral, que mede cerca de seis metros de largura e o pódio do templo, medeiavam 22,5 metros, o que nos parece demasiado, ainda que não seja inviável. Não foi possível identificar no

³⁶ Pedro de Palol, *El foro romano de Clunia*, "Los Foros Romanos de las Provincias Occidentales", Madrid, 1987, 153-163; Ronald Syme, *Partisans of Galba*, "Historia", 31, 4, 1982, p. 460-483.



Fig. 10. Ruínas do pódio do templo do forum amaiense.

terreno vestígios de uma colunata que um resto de muro a sueste do forum sugere ter-se situado a 12 metros do limite exterior do monumento, duplicando o valor da largura do pórtico envolvente da praça. No lado oposto ao templo situar-se-ia a basílica, de tipo vitruviano, e a cúria, edifícios cuja fachada conjunta disporia de cerca de 45 metros. No meio da praça, dos dois lados, situar-se-iam as *tabernae*, abrigadas pelo pórtico. As relações entre *Ammaia* e *Clunia* (Coruña del Conde) contam com diversos testemunhos epigráficos³⁷, razão que nos leva a considerar seriamente a hipótese do forum amaiense ter sido influenciado pelo de *Clunia*, ao que a cronologia não se opõe.

Apenas diremos algumas palavras sobre as ruínas do templo do forum, uma vez que não existe ainda um estudo do edifício. O pódio, construído em *opus incertum* e *opus caementicium*,

perdeu completamente o paramento de silharia em granito que o revestia. São claramente visíveis as diferentes camadas de betão que preenchiam o interior do pódio, bem como as reentrâncias indicando o travamento dos blocos e os desaparecidos pilares em que assentavam as colunas e pilastras que rodeavam o edifício (fig. 10). Na construção foi utilizado, como material nobre, mármore, provavelmente das pedreiras da zona de Estremoz, e granito. Do primeiro, conserva-se no Museu da Ammaia um fragmento de caixotão (fig. 11), com 86x66 centímetros, decorado com rosetas de boa factura e orlada de denticulos, que julgamos ter pertencido à cobertura do vestíbulo (*pronaos*) do templo. O pódio, no seu estado actual, mede 9x17,3 metros, sem contar com a escadaria de acesso, de cujas fundações existem vestígios no terreno. O edifício era, seguramente, tetrástilo e pseudo-períptero, medindo a *cella* cerca de 10,5x 9 metros (35x30 pés). Sob o desaparecido pavimento desta, o pódio mostra uma invulgar estrutura de travamento em

³⁷ Mantas, *Ammaia*, p.412; *Novidades*, p. 99-100.

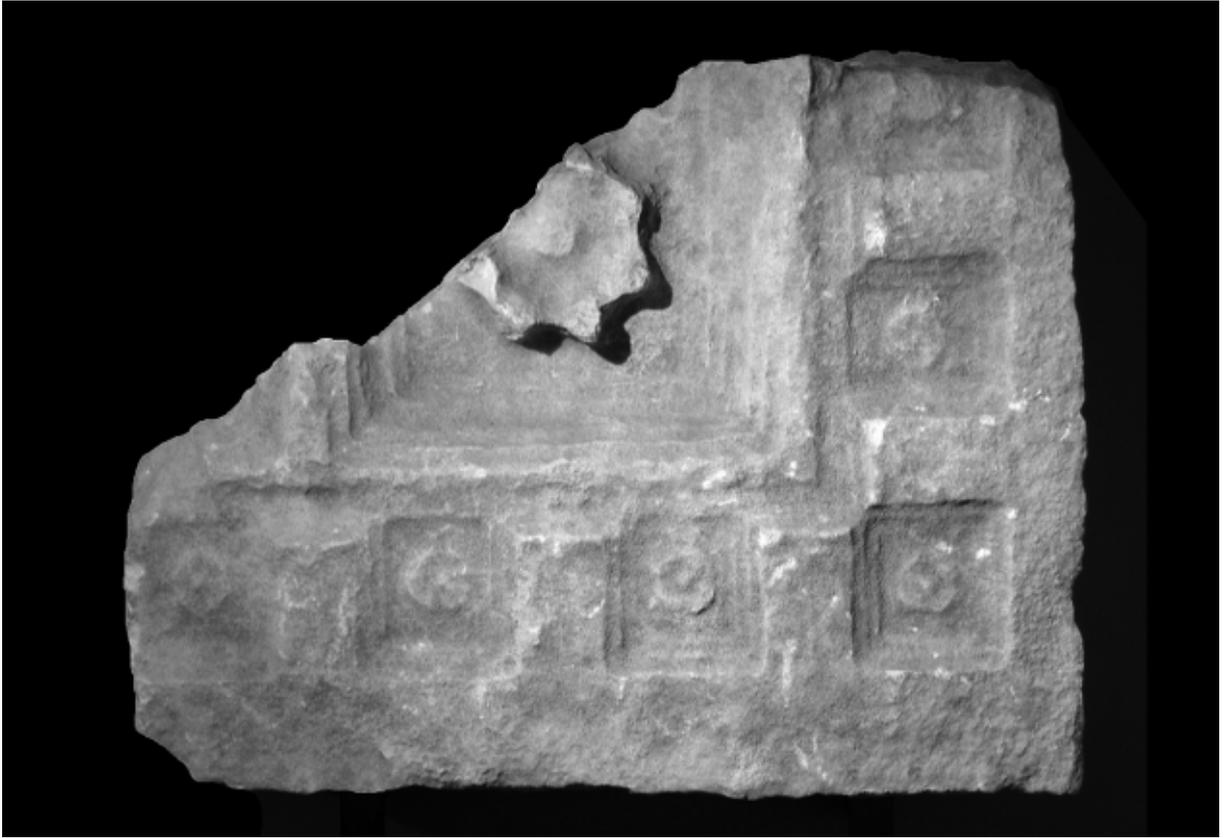


Fig. 11. Caixotão em mármore, provavelmente do templo do fórum (Museu da Ammaia).

forma de aspa, destinada a conter um enchimento que parece ser de terra.

Dado que não se conhecem restos de capitéis directamente identificados com o templo é difícil atribuir-lhe uma ordem concreta. Embora a maioria dos capitéis recolhidos na *Ammaia* pertençam a uma variante da ordem iónica resultante de uma rude simplificação da mesma, com influência toscana, variante muito comum na Lusitânia, é possível que o edifício contasse com capitéis coríntios³⁸, em mármore, e colunas e pilastras em granito, como sucedeu no templo de Évora, aliás de construção muito mais rica e cuidada. Com efeito, da observação das ruínas do pódio fica-nos a

impressão de uma obra relativamente modesta, com algumas preocupações de economia, pouco concordantes com a largueza do planeamento do fórum. Também é difícil calcular qual a divindade a que foi dedicado, uma vez que nada se encontrou no templo ou junto a ele que autorize uma hipótese segura quanto a este aspecto. A importância do culto de Júpiter na região sugere, todavia, que o templo lhe tenha sido consagrado, sem esquecer, naturalmente, a existência do culto imperial regularmente organizado na cidade³⁹.

Do que dissemos pode concluir-se que o fórum de *Ammaia* é um monumento de grande interesse, mas ainda muito mal conhecido, o que obriga a considerar cautelosamente a maior parte das conclusões a que, por enquanto, se possa che-

³⁸ M. A. Gutiérrez Behmerid, *Capiteles romanos de la Península Ibérica*, Valladolid, 1992, p. 38, 47-50; Lídia Fernandes, *Capitéis romanos de Ammaia (S. Salvador de Aramenha – Marvão)*, “O Arqueólogo Português”, Nova Série, IV, 19, 2001, p. 95-158. A cronologia destes capitéis situa-se, para a maior parte deles, no século I. A decoração do caixotão sugere a ordem coríntia para o templo e uma datação pelos finais do século I: Gros, p. 147-149.

³⁹ Encarnação, *IRCP*, p. 793-795, 874; Vasco Mantas, *Libertos e escravos na cidade luso-romana de Ammaia*, “Ibn Maruán”, 12, 2002, p. 52-55, 68; Robert Étienne, *Novidades sobre o culto imperial na Lusitânia*, “Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa”, Lisboa, 2002, p. 98-99.

gar. Uma das sondagens realizadas no canto noroeste do fórum permitiu descobrir um amontoado de materiais de construção cerâmicos, achado que obriga a questionar a sua presença nesse local. Sem abandonar outras explicações, como, por exemplo, tratar-se de uma reutilização tardia do espaço do fórum, a situar, eventualmente, no século IV, não é impossível que o monumento não tivesse sido concluído, o que justificaria a ausência de vestígios da colunata que deveria ter existido em torno da praça. A reforma concretizada na zona da porta sul nos inícios do século II, que poderia ter incluído a construção da praça que ali existe e que servia, entre outros edifícios, o que julgamos ser o mercado (*macellum*), coaduna-se bem com uma situação deste tipo⁴⁰. Neste caso podíamos também admitir, apenas como hipótese de trabalho, uma modificação semelhante à que se verificou com o fórum de *Conimbriga* no final do século I, o que justificaria a decadência da área forense no Baixo Império. No estado presente dos nossos conhecimentos tudo isto exige uma escavação completa do monumento, cuja importância julgamos ter sublinhado suficientemente e sem fantasias inaceitáveis.

Podemos alargar esta constatação ao fórum da *Civitas Igaeditanorum*, cidade cujo nome permanece obscuro, talvez *Igaedis* ou, latinizado, *Igaeditania*, forma que facilmente explica a denominação medieval de Egitânea⁴¹. Idanha-a-Velha é hoje uma reduzida aldeia de cinquenta habitantes (**fig. 12**), aparentemente condenada pelo processo de desertificação do mundo rural europeu. A cronologia da fundação da cidade não levanta grandes dificuldades, podendo corresponder ao período

final da República, muito provavelmente na sequência da dedução da colónia *Norba Caesarina* (Cáceres), como a falta de materiais pré-romanos e a epigrafia local francamente sugerem⁴². Seja como for, em 16 a.C. os magistrados indígenas da cidade receberam um *orarium* oferecido por um cidadão de Mérida aos *Igaeditani*, enquanto que numa inscrição honorífica comemorando Caio César, no ano 4, se encontra já a indicação *Civitas Igaeditanorum*, o que nos leva a considerar que a cidade terá sido estabelecida, como capital dos *Igaeditani* pelos finais dos século I a.C., no quadro da reorganização territorial da Lusitânia⁴³.

As duas epígrafes que referimos, típicas de um ambiente público privilegiado, e a capitalidade regional atribuída à *Civitas Igaeditanorum* permitem considerar a existência de um fórum logo na época de Augusto, embora dele não subsistam vestígios conhecidos. É possível que se situasse no mesmo local onde se levantam as ruínas do que pensamos ser o resultado da reforma do fórum primitivo, no ponto mais elevado da povoação. A referida inscrição do relógio implica, naturalmente, a introdução de hábitos administrativos e jurídicos profundamente romanos (**fig. 13**), como já foi destacado várias vezes⁴⁴ obrigando a considerar a existência de uma praça pública já em 16 a.C., o que talvez se possa inferir directamente da frase representada pelas siglas L.A.F. presentes na inscrição (*ILER* 2082). Considerando as dimensões e a rudeza destas epígrafes, pequenas placas de granito, não é difícil imaginar quão modesto seria tal fórum, provavelmente constituído por uma praça de reduzidas dimensões dominada por uma pequena basílica.

⁴⁰ Mantas, *Ammaia*, p. 414. Um espaço rectangular (1,6x2,6 metros) desprovido de lajes, no lado oriental da praça, pode interpretar-se como testemunho de uma desaparecida estátua equestre, talvez à semelhança das que existiram no arco de *Capera*: A. García y Bellido, *El tetrápylon de Capera (Caparra, Cáceres)*, "Archivo Español de Arqueología", 45-47, 1972-1974, p. 45-90.

⁴¹ Patrick Le Roux, *Les villes de statut municipal en Lusitanie romaine*, "Les Villes de Lusitanie Romaine", Paris, 1990, p. 44. O etnónimo *Igaeditani* deriva do nome de uma divindade tutelar colectiva, o deus *Igaedus*.

⁴² Vasco Mantas, *Cidadania e estatuto urbano na Civitas Igaeditanorum (Idanha-a-Velha)*, "Biblos", Nova Série, IV, 2006, p. 56-59 (=Mantas, *Cidadania*).

⁴³ Alarcão, *Domínio*, p. 31-33; Mantas, *Cidadania*, p. 59-63.

⁴⁴ Vasco Mantas, *Orarium donavit Igaeditanis: epigrafia e funções urbanas numa capital regional lusitana*, "Actas del I Congreso Peninsular de Historia Antigua", II, Santiago de Compostela, 1988, p. 421-423; Robert Étienne, *L'horloge de la civitas Igaeditanorum et la création de la province de Lusitanie*, "Revue des Études Anciennes", 94, 3-4, 1992, p. 355-362.



Fig. 12. A aldeia de Idanha-a-Velha em 1984. O forum situa-se à direita, onde se levanta a torre medieval.



Fig. 13. Inscrição de Idanha-a-Velha celebrando a oferta de um *orarium* aos *Igaeditani*, em 16 a.C. (Arquivo Epigráfico de Idanha-a-Velha).



Fig. 14. Restos do terraço do forum de *Civitas Igaeditanorum*. O muro romano situa-se no enfiamento das oliveiras.

O problema que se levanta em relação à *Civitas Igaeditanorum* consiste, fundamentalmente, na definição da data em que esta cidade peregrina organizada à romana passa a constituir uma verdadeira cidade romana, alteração de estatuto que, cremos, terá levado à construção do novo forum. De acordo com o testemunho da célebre inscrição da Ponte de Alcântara, onde os *Igaeditani* ocupam o primeiro lugar na lista dos povos construtores, a cidade possuía o estatuto municipal nos inícios do século II. A municipalização da *Civitas Igaeditanorum* pode considerar-se um dado adquirido, tenha ou não sido contemporâneo da concessão do direito latino. Uma bela ara votiva a Marte, consagrada por um liberto dos *Igaeditani* que ostenta o significativo nome de *Flavius Ariston* parece-nos suficiente para situar a mudança de estatuto no período flaviano⁴⁵. Por isso, a construção do monumento de que passamos a descrever os vestígios deve ter coincido com os anos que medeiam entre a con-

cessão do *Ius Latii* por Vespasiano e a construção da Ponte de Alcântara.

O forum foi erguido, talvez reutilizando algumas das estruturas anteriores, no topo de uma pequena elevação, ocupando um rectângulo de 30x73 metros, distribuído por dois planos distintos, ainda separados por restos de um paredão, o mais elevado dos quais foi, mais uma vez, reservado para edificar o templo, sobre cujos restos do pódio os Templários edificaram a torre de menagem da sua fortaleza. O templo, assentava numa plataforma de reduzidas dimensões, obtido em parte artificialmente através de aterros sustidos por muros, de que existem ainda vestígios (**fig. 14**). No canto noroeste dessa plataforma, por trás do templo, subsiste um poderoso cunhal de silharia almofadada que permite imaginar a solidez e austeridade das construções do forum (**fig. 15**). Frente ao templo, desenvolvia-se uma praça com 30 metros de largura e 45 metros de comprimento, correspondente à recomendação vitruviana a propósito das dimensões das praças forenses, em que a largura devia corresponder, como já vimos, a dois terços do com-

⁴⁵ Mantas, *Cidadania*, p. 73-75.



Fig. 15. Cunhal de silharia no canto sudoeste do forum de *Civitas Igaeditanorum*.



Fig. 16. Restos do templete situado à entrada do forum de *Civitas Igaeditanorum*.

primário, características que não obrigam a uma datação contemporânea.

No extremo oposto da praça, num plano ligeiramente inferior, no lado esquerdo, subsistem, muito nítidos, restos do que interpretamos como um templete, cuja soleira dista cerca de cinco metros da parede lateral do forum (**fig.16**). Embora do outro lado da praça não tenha sido possível



Fig. 17. Inscrição do templo de Vênus, construído por *C. Cantius Modestinus* em Idanha-a-Velha (Depósito Quintais Marrocos, Idanha-a-Velha).

registar restos de uma construção semelhante, é muito provável que estejamos perante um modelo simétrico, com a entrada ladeada por dois templetes. Este modelo não é invulgar⁴⁶, correspondendo os restos existentes a um dos pequenos templos construídos em Idanha-a-Velha, por iniciativa do notável local, *C. Cantius Modestinus*, de quase certa ascendência itálica⁴⁷. Admitindo que eram dois, teríamos aqui os templos de Marte e de Vênus (**fig.17**), edificados de acordo com o modelo do célebre templete *in-antis* da Ponte de Alcântara, cujas dimensões (4,10x5,86 metros) se adequam às inscrições de Modestino, uma das figuras dominantes em Idanha-a-Velha e em Bobadela nos finais do século I, quando os *fora* destas cidades foram reformados⁴⁸.

O plano do forum da *Civitas Igaeditanorum*, resultante de transformações verificadas num cenário que evoca cronologicamente a reforma da porta sul na *Ammaia* e a transformação do forum

⁴⁶ Alarcão, *Domínio*, p.182-184; Vasco Mantas, *Evergetismo e culto oficial: o construtor de templos C. Cantius Modestinus*, "Religio Deorum", Sabadell, 1993, p. 246-248 (=Mantas, *Evergetismo*).

⁴⁷ Vasco Mantas, *C. Cantius Modestinus e seus templos*, "Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa", Lisboa, 2002, p. 231-234; *Evergetismo*, p.243-244. Recordamos a evidente devoção legalista de Modestino e os cultos populares que distinguiu, centrados nos importantes templos de *Diana* e de *Liber* no Monte Aventino, domínio tradicional da plebe romana: Alfred Merlin, *L'Aventin dans l'Antiquité*, Paris, 1906, p. 140-162, 203-226.

⁴⁸ J. Blanco Freijeiro, *El puente de Alcántara en su contexto histórico*, Madrid, 1977, p. 41-44; Mantas, *Evergetismo*, p. 242-243.

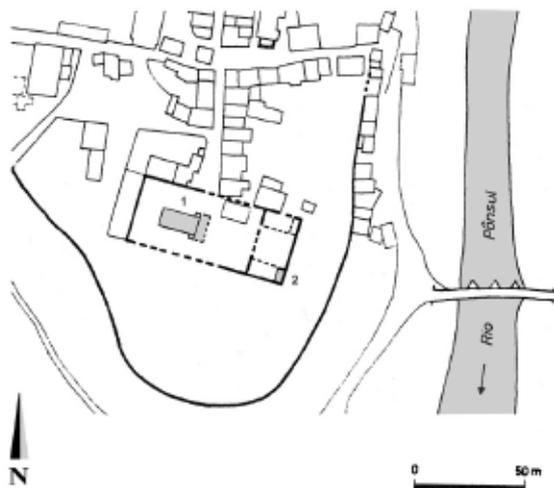


Fig. 18. A aldeia de Idanha-a-Velha em 1956 e a localização das ruínas do fórum: 1: Templo; 2: Templete.

de *Conimbriga* num santuário do culto imperial, integrava-se num urbanismo do qual pouco sabemos, em parte devido à destruição das ruínas e reutilização dos materiais na muralha, sobretudo de construção medieval, e nos muros e edifícios da aldeia. Não cremos que o traçado do *Kardo* e do *Decumanus* corresponda à proposta de Fernando de Almeida, pois no local onde estes dois eixos se cruzariam, existe uma depressão côncava, com 75 metros de diâmetro máximo, ideal para construir um anfiteatro, do qual existem indícios a considerar, tipo de edifício cuja localização próxima do fórum se verifica em *Conimbriga* e em Bobadela, por exemplo⁴⁹. Julgamos que o eixo director do urbanismo da *Civitas Igaeditanorum* era definido pela orientação do fórum (fig. 18), nitidamente relacionada com a localização da ponte sobre o Pônsul⁵⁰.

A planta do fórum da *Civitas Igaeditanorum*, apesar da sua canónica regularidade, não deixa de suscitar algumas dúvidas, por enquanto

⁴⁹ Clara Portas / Helena Frade, *Descoberta de um anfiteatro romano em Bobadela*, "Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu", 1989, p. 379-401; Virgílio H. Correia, *O anfiteatro de Conimbriga. Notícia preliminar*, "El Anfiteatro en la Hispania Romana", Mérida, 1994, p. 327-343.

⁵⁰ A ponte actual, de sinuoso traçado, resulta de numerosas reconstruções e ocupa uma posição ligeiramente a montante da ponte romana, como a análise da rede de caminhos na margem esquerda do Pônsul indica.

difíceis de esclarecer. Com efeito, não foi possível identificar a localização da basílica, o que pode reflectir uma situação idêntica à do último estado do fórum de *Conimbriga*, transformado num santuário do culto imperial, do qual se ausentaram *tabernae*, basílica e cúria⁵¹. O achado em Idanha-a-Velha de uma epígrafe consagrada a Vénus Augusta (*ILER 422*) poderia fortalecer esta hipótese, ainda que a existência do templo de Vénus obrigue a considerá-la cautelosamente. É certo que existe espaço suficiente entre o templo principal do fórum e a zona de ingresso na praça para levantar uma basílica, numa posição lateral, que destruiria a simetria do conjunto, ou numa posição perpendicular ao eixo longitudinal do fórum, mas não na extremidade oposta ao templo, o que corresponderia a um modelo parecido, na separação nítida entre as áreas sacra e profana, com o do fórum de *Lugdunum Convenarum* (Saint Bertrand de Cominges), em França⁵². Na verdade, só a escavação completa do monumento permitirá resolver este problema, embora nos inclinemos para considerar a planta do fórum como simétrica, nos finais do século I.

⁵¹ Alarcão, *Construção*, p. 471-473.

⁵² O modelo do fórum de *Lugdunum Convenarum* é, nas suas linhas gerais, idêntico ao de Augst, mas o templo surge isolado da praça e com orientação inversa: Pierre Grimal, *Les villes romaines*, Paris, 1977³, p. 57-59.



Fig. 19. Ruínas do pódio do templo do forum, sobre o qual foi contruída a torre templária.

A interpretação das ruínas do templo também não é isenta de interrogações pertinentes. Durante muito tempo identificado como sendo o templo de Vénus construído por Modestino⁵³, o edifício conserva parte do pódio, que mede 17,6x9,2 metros, construído em robusta silharia granítica marcada pela *asperitas* vitruviana. Com as duas fiadas da base, de blocos cuidadosamente almofadados, a moldura e as duas fiadas superiores a esta, atinge ainda mais de dois metros de altura, servindo de suporte à torre construída pelos Templários no século XII (fig.19). O interior do pódio é oco, não havendo registo de restos de estruturas ou de materiais de cronologia significativa. Tratar-se-ia de um templo tetrástilo, pseudo-períptero ou próstilo, provavelmente de ordem coríntia. No interior da chamada catedral visigótica existem alguns capitéis reutilizados, de esboçada feição coríntia (fig. 20), os quais poderiam ter sido terminados através de decoração estucada, como no chamado Templo de Diana, em Mérida⁵⁴. Aliás, conhece-se uma inscrição funerária em Idanha-a-Velha referindo um *tektor*, identificando a presença de um estucador profissional, de inequívoca origem indígena (ILER 4616).

⁵³ Fernando de Almeida, *Templo de Vénus em Idanha-a-Velha*, "Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia", II, Lisboa, 1959, p. 133-142.

⁵⁴ José María Álvarez Martínez / Trinidad Nogales Basarrate, *Forum Coloniae Augustae Emeritae. "Templo de Diana"*, Mérida, 2003, p. 99-110, 163-166, 270-271.



Fig. 20. Capitel coríntio esboçado, reutilizado na chamada catedral de Idanha-a-Velha.

Uma análise cuidada das ruínas mostra que na zona frontal do pódio a moldura não foi terminada, sugerindo que não ficava visível. Com efeito, apesar das destruições verificadas, subsistem no local os restos de uma plataforma em betão, praticamente arrasada e totalmente desaparecida no lado norte, devido a uma construção que aí foi levantada. Esta plataforma projectava-se da fachada pouco menos de quatro metros (12 pés), sem contar com a espessura do desaparecido paramento, sendo o acesso à mesma feito através de duas escadarias laterais posteriores adossadas ao pódio (fig. 21). Esta particularidade construtiva, que permite classificar o edifício como um *templum rostratum*, é bem conhecida em diversos templos edificados pelos finais do século I e inícios do século II. É o caso do templo de Vénus, no forum de César, em Roma, reconstruído por Domiciano, do templo de Vespasiano, em Pompeios, do templo do forum de *Clunia*, do templo do forum de Ampúrias, reformado sob os Flávios, e do pequeno

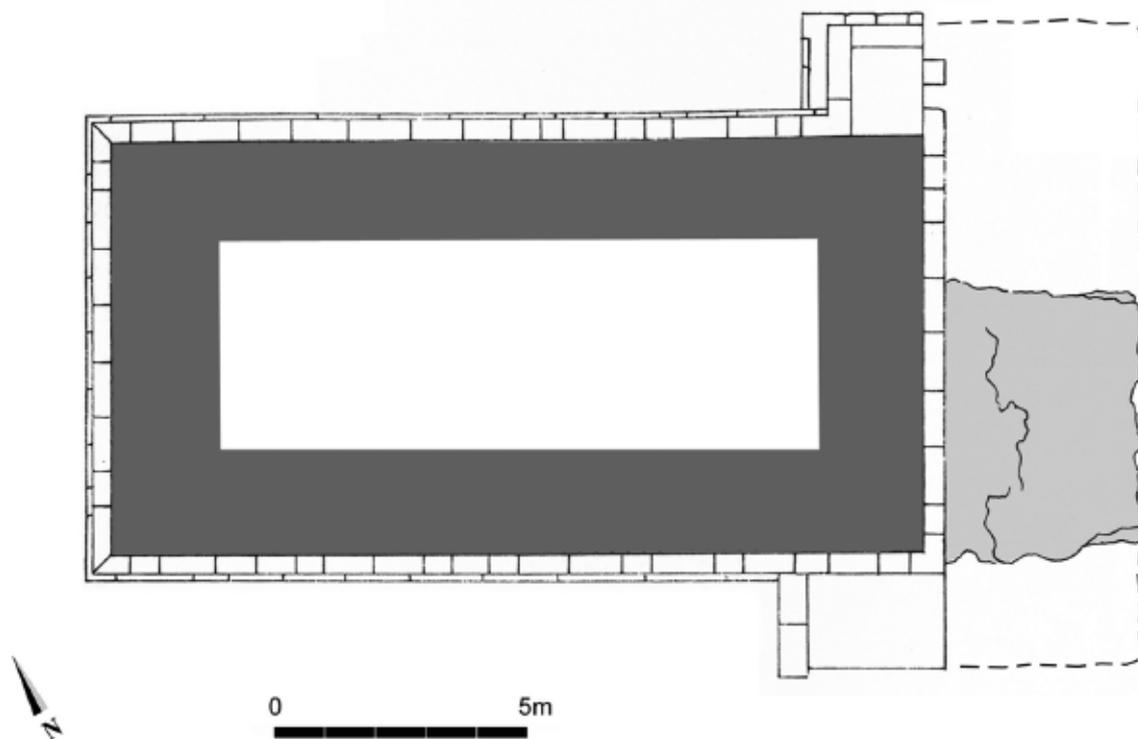


Fig. 21. Planta das ruínas do templo principal do forum de *Civitas Igaeditanorum*.

templo do forum de Timgad⁵⁵. Atendendo à alteração do estatuto da *Civitas Igaeditanorum* no último quartel do século I, não hesitamos em situar a construção do templo nesse período. Lembramos que, na discutida inscrição de *C. Iulius Lacer*, construtor da Ponte de Alcântara, este refere como *amicus* um tal *Curius Lacon* (*CIL* II 761), personagem cujo gentílico permite situá-lo num dos grupos familiares mais importantes de Idanha-a-Velha⁵⁶. Considerando o significado do termo *ami-*

cus, que socialmente abrange vertentes diferentes da simples amizade, não será possível encontrar aqui traços de uma relação profissional de colaboração entre os dois e atribuir a *Lacon* alguma responsabilidade nas obras de reforma do forum de Idanha-a-Velha?

Outra questão a resolver é a de determinar a que divindade devemos atribuir o templo. Os cultos oficiais estão bem representados em Idanha-a-Velha, embora, como dissemos, alguns deles pudessem contar com outros edifícios sacros, caso de Marte e de Vénus. Sondagens no interior do pódio, durante os trabalhos conduzidos por Fernando de Almeida, levaram à descoberta do fragmento da mão esquerda de uma estátua, em mármore, de tamanho maior que o natural (**fig. 22**), mas impossível de identificar como pertencente a uma figura masculina ou feminina. No templo do forum da *Civitas Cobelcorum* (Almofala), também se achou uma mão, neste caso seguramente feminina, mas o templo parece ter sido consagrado a

⁵⁵ Luigi Crema, *L'architettura romana*, "Enciclopedia Classica", XII, 1, Turim, 1959, p. 361-366; Gros, p. 141. O edifício cuja planta se aproxima mais do templo lusitano, salvaguardando determinadas particularidades, é o chamado templo de Vespasiano, em Pompeios: Robert Étienne, *A vida quotidiana em Pompeia*, Lisboa, s/d, p. 124-125, 252.

⁵⁶ Mantas, *Cidadania*, p. 75. Os *Curii* estão representados em cinco epígrafes, uma das quais é a belíssima placa em mármore, com trabalhada moldura, pertencente a um mausoléu ou grande ara funerária, peça seguramente oriunda de uma oficina da capital provincial (*CIL* II 442 = *ILER* 4600). Sobre este tipo de placas na região beirã: Luís Fernandes, *O epítáfio latino de Beijós e a romanização na Beira Interior*, "Cadernos do CLCPB. Universidade Católica Portuguesa – 20 Anos de Estudos Humanísticos em Viseu", Viseu, 2002, p. 115-139.



Fig. 22. Fragmento de uma mão em mármore, achada no interior do pódio do templo.

Júpiter, como se deduz da ara ali encontrada⁵⁷. O culto de Júpiter teve larga difusão na área da *Civitas Igaeditanorum*, pelo que a hipótese do templo principal do forum lhe ter sido consagrado é verosímil, tanto mais que se conhecem em Idanha-a-Velha duas epígrafes consagradas a Juno⁵⁸. Todavia, considerando uma grande reforma do forum nos finais do século I, não seria inconveniente interpretar o templo, numa cidade cujo nome oficial parece integrar por essa altura o gentílico *Flavius*, no âmbito de uma situação semelhante à de *Conimbriga*, com o seu imponente santuário do culto imperial.

Os materiais cerâmicos encontrados em Idanha-a-Velha, nomeadamente a *sigillata* importada de fora da Hispânia, não contrariam uma datação flávio-trajânica para a remodelação do forum, na sequência da concessão do direito latino e do título municipal. É verdade que, por enquanto não se registou nenhum sacerdote ou sacerdotisa do culto imperial, contrariamente ao que sucede em

Bobadela, onde o sacerdócio deste culto se encontra representado por *Iulia Modesta*, cuja família também se encontra presente entre os notáveis da *Civitas Igaeditanorum*⁵⁹. É evidente que a interpretação do forum como um grande espaço sacro, à imagem do que se construía em Roma pela mesma época, caso do *Forum Pacis*, construído por Vespasiano e do *Forum Transitorium*, cuja construção foi iniciada por Domiciano e terminada por Nerva⁶⁰, obriga a procurar, tal como em *Conimbriga*, os edifícios representativos das restantes funções forenses noutra local da cidade. A esta, como a outras questões, só a escavação sistemática das ruínas poderá dar resposta.

Os últimos anos têm permitido acumular importante informação sobre os *fora* peninsulares, particularmente sobre os que um dia ornaram as cidades lusitanas e foram nelas imagens de uma Roma que, apesar de fisicamente desconhecida para a maioria, foi referência política, no melhor sentido da palavra, para todos, durante séculos. Apesar dos significativos progressos que se verificaram e que uma multiplicidade de publicações, que vão do simples folheto até à imponente tese, ilustram, continuam a existir áreas de sombra, para não dizer mais, em relação a muitas das cidades luso-romanas. Só a continuação do trabalho iniciado, apesar das crescentes dificuldades que uma sociedade absurdamente economicista vai levantando, pode abrir caminho para a recuperação desse passado, de forma a que as *cenizas desdichadas* evocadas por Rodrigo Caro a propósito de Itálica, voltem à vida, à nossa vida, como parte de uma gloriosa e inspiradora herança latina, hoje tão dramaticamente necessária.

⁵⁷ Helena Frade, *A ara a Júpiter da Civitas Cobelcorum*, "Ficheiro Epigráfico", 58, 1998, 266.

⁵⁸ Fernando de Almeida, *Egitânia. História e arqueologia*, Lisboa, 1956, p.148; *ILER* 369; Alarcão, *Domínio*, p.165-166.

⁵⁹ Mantas, *Cidadania*, p. 76-77.

⁶⁰ Muller / Vogel, p. 220-221; I. M. Barton, *Religious buildings*, "Roman Public Buildings", Exeter, 1989, p. 87-89; Gros, p. 165, 216-218.